

Socialistas e Sindicalistas

DE

França, Inglaterra e Alemanha

O «Germinal» dá hoje uma página de documentos que julga úteis como elementos de formação de opinião. É bom saber-se um pouco do que se pensava da guerra nos principais países beligerantes, nas vésperas da conferência internacional de Londres, (que se devia realizar, como se realizou, no dia 14) e nas vésperas duma nova e talvez decisiva fase do conflito.

Alguns documentos temos já fornecido, outros daremos dentro dos acanhados limites do «Germinal», pois cremos que é este um dos melhores serviços que poderemos prestar ao leitor consciente.

Declaração da C. G. T. de França, («Bataille Sindicaliste», 2-2-915) dirigida à *Internacional Operaria e às Organizações Centrais Operarias*:

Camaradas:

Apesar da terrível tormenta que fere atualmente a Europa, tormenta desencadeada contra a sua vontade e a sua ação, a C. G. T. franceza empenha-se em afirmar, mais uma vez, o seu amor à causa operaria internacional. A guerra continua sendo para ela o mais abominável dos crimes sociais. Nenhum argumento poderia atenuar a responsabilidade dos que a desencadearam. Quer dizer que a C. G. F. é hoje como ontem, partidária da paz entre os povos. Sempre a sua propaganda e a sua ação se afirmaram contrárias a um nacionalismo estreito, ao militarismo de conquista, como se opuzeram à volta dos velhos regimens.

O seu desejo teria sido arrastar toda a Internacional operaria para este caminho de luta contra as forças nocivas. Compreendéra que era indispensável sobre este ponto determinado, crear uma unidade de pensamento, determinando uma unidade de atitude nos proletariados organizados de todos os países, de modo que, exigindo-o as circunstâncias, dela pudesse resultar uma unidade d'ação, contra um perigo comum: *Proposta à Conferência Internacional de Amsterdan, em 1905; intervenção da C. G. T. pelo seu secretario junto dos sindicatos alemães, 1905; proposta à conferência Internacional, Paris, 1909; delegação da C. G. T. na Alemanha, 1910; Intervenção junto de Legien, em Bruxelas, julho de 1914.* Foi em parte por não ter reconhecido o valor daquele ponto de vista, que a Internacional operaria se viu impotente em face da guerra.

Ha seis meses que sofremos desta guerra, de todos os horrores da invasão. Vimos violar a neutralidade do Luxemburgo e da Belgica, invadir os departamentos do Norte e do Leste do nosso país; e as visões de carnificina não fizeram mais do que fortalecer o nosso ponto de vista quanto à atitude que devia e deve observar o proletariado internacional unido contra a guerra.

Entretanto, por muito ardente que seja o desejo de restabelecer a paz entre os povos agora beligerantes, não podemos esquecer que o territorio belga está quasi inteiramente occupado e na mesma situação os nossos departamentos do Norte e do Leste; que por outro lado, uma condição essencial do progresso social é a inviolabilidade da independencia dos povos.

Temos protestado muito contra as expedições colonias, para esquecermos agora as razões profundas dos nossos protestos.

A Humanidade não se desenvolverá no sentido duma civilização superior, não instituirá relações sociais mais

harmonicas com o direito humano enquanto a força bruta que é um meio de dominação, não fôr transformada num auxiliar da intelligencia posta ao serviço do trabalho. Os Estados Unidos do Mundo, forma de organização humana que devemos procurar realizar, só serão um facto no dia em que, tendo cada nacionalidade, por fraca que seja, a certeza de ser respeitada no seu desenvolvimento interior, a colaboração de todos os povos possa ser possível. Esse dia verá estabelecer-se o verdadeiro regimen da liberdade internacional, resultante da ação normal e livre de todas as liberdades nacionais. Numa constituição assim, o militarismo, ficando sem objetivo, desaparecerá por si proprio. Esta concepção do futuro, que é nossa, apesar das horas terríveis que vivemos, não perdemos a esperança de a realizar, se cada proleta iado quizer contribuir com a sua parte de trabalho sincero para a realização da obra comum de libertação. Adoptrar este ideal, é banir de si proprio toda a ideia de hegemonia, é querer a harmonia entre todos os seres humanos pela egualdade de todos os povos.

Se a C. G. T. franceza não é possível, nas actuaes circunstancias, formular as condições duma paz que ela deseje o mais proxima possível, é-lhe entretanto permitido indicar que o esforço pacifico, para ser util, deve orientar-se para um fim, que fica com que esta guerra seja a ultima das guerras. Com os que trabalham para esta obra, está a C. G. T. d'alma e coração. De novo, nestas terríveis horas ela pede que as classes operarias de todos os países se associem com ela, para afirmar e tomar o compromisso formal, de actuar de forma a fazer penetrar no espirito dos trabalhadores do mundo inteiro que, mesmo sob a forma de Estados Unidos do Mundo, a paz não será segura e definitiva, senão quando todas as classes operarias de todas as nações, tiverem adquirido, no seio das suas organizações, uma consciencia moral profunda dos seus deveres reciprocos e por isso mesmo, uma força d'ação verdadeira, capaz de impedir toda a guerra, pela opposição direta das forças organizadas e activas na Internacional Operaria.

A C. G. T. aprova e aceita a proposta da A. F. of L. tendente à realização «nos mesmos dias e local que a conferencia geral para a Paz que, sem duvida, se realizará no fim da guerra, dum Congresso dos representantes das organizações operarias das diversas nações, para ajudar a restabelecer relações fraternas, proteger os interesses dos trabalhadores e ajudar, por toda a parte, a constituir os alicerces duma paz duradoura, sobre as seguintes bases:

1.ª — Supressão dos regimens dos tratados secretos; 2.ª, Respeito absoluto pelas nacionalidades; 3.ª, Limitação imediata e internacional dos armamentos, medida que deve precipitar a sua supressão total; 4.ª, Aplicação do recurso à arbitragem obrigatoria para todos os conflitos entre nações.

Viva a Internacional, sempre e apesar de tudo.

Pelo comité e por mandato.

L. Jouhaux.

Partido Socialista Francês

Na segunda sessão da *conferencia nacional* realisada em Paris no dia 7, declarou Jules Guesde, a proposito da conferencia de Londres, o seguinte: (B. S. 11-2-915).

«Trata-se em primeiro lugar de estabelecer que não se poderá falar em paz — reduzida a mais perigosa das tregoas — enquanto o imperialismo alemão não fôr esmagado. O dever que se impõe aos socialistas, aos que realmente querem livrar a humanidade deste pesadelo de sangue, é o de continuar a lucta até ao fim, fechando os

ouvidos que se pudessem abrir a murmurios de lassidão.

«E-nos preciso, por outro lado, declarar bem alto — o que talvez se não fez sufficientemente até agora — que esta guerra que nos foi imposta, não a faz mos — e não a fizemos ni nós, — a nação alemã, á qual estamos prontos a estender frate nalmente a mão, desde que ela tenha acabado com o seu Kaiser e o imperialismo prussiano, do qual ela não é menos victima do que nós.

«É preciso finalmente e principalmente que, obtida a victoria, nós saibamos usar d'ela humanamente e fazer surgir d'ela uma Europa nova, baseada em nacionalidades satisfeitas, não deixando mais logar para os antagonismos de raças e apenas para o antagonismo de classes, o qual só o socialismo deve e pôde fazer desaparecer.

Os Socialistas Ingleses

Varios membros do partido social democrata dirigiram o seguinte manifesto aos seus camaradas dos diversos ramos da organização do partido.

Entre elles, figuram nomes de agitadores conhecidos, como Hyndman, Torne, Ben Tillet, etc.: (B. S. 11-2-915)

«A guerra actual foi imposta á Grande Bretanha pelo atentado cometido, sem provocação alguma, pela Alemanha contra a neutralidade e a independencia da Belgica, embora depois de 1839, d'accôrdo com a Grande Bretanha e a França, a propria Alemanha as tivesse garantido formalmente, por razões muitas vezes reconhecidas e confirmadas desde essa data, como boas e sufficientes para todas as nações garantantes.

Este tratado fôra respeitado pela Alemanha e pela França em 1870, embora a França tivesse então podido obter grandes vantagens com a violação. Mesmo nas quarenta e oito horas do começo da presente guerra, o embaixador alemão em Bruxelas afirmava aos belgas que a sua neutralidade seria respeitada. A França garantiu da melhor vontade a não violação; mas a Alemanha opôs uma recusa ao que a Grande Bretanha perguntava, e declarou considerar o tratado como um bocado de papel sem valor.

Mas ha mais; foi abertamente declarado pelos escritores e oradores officiais, que a Alemanha propõe-se anexar a Belgica, esmagar a França, reduzir a Russia e eventualmente arruinar a Grande Bretanha. O Reino Unido e as colonias inglesas tendo sido forçadas a esta guerra, lutam em defeza das pequenas nacionalidades europeas, por que se mant-nham os tratados e as convenções da Haia, pela salvação da Republica Franceza, pela sua propria protecção contra as aggressões e a invasão, e de colaboração com os seus aliados para acabar, uma vez por todas, com a ameaça permanente da Alemanha para com a paz e o bem-estar do mundo. Os motivos que se occultam por detraz da diplomacia secreta de sir E. Grey nada temem que ver com esta situação. A Inglaterra, a França e a Russia, não tinham preparado a guerra, como os acontecimentos o demonstraram. Até ao ultimo momento estas tres potencias fizeram ardentos esforços pela paz e a Servia, sob as instancias da Russia, subscreveu quasi por completo ás exigencias da Austria. A Alemanha e só a Alemanha estava completamente preparada para a guerra e decidida a fazel-a estalar na primeira ocasião favoravel.

O conjunto das Trades-Unions da Grande Bretanha e as organizações operarias das nosas colonias autonomas, reconheceu que a guerra deve continuar até que a ameaça prussiana esteja eliminada de uma maneira efectiva. Declaram que a victoria da casta militar prussiana robusteceria a reacção e faria recuar de muitos anos o desenvolvimento da democracia na Europa, sobre a qual, unicamente, se pode estabelecer solidamente o socialismo.

Não se pôde desejar nem mesmo preconisar a paz, enquanto a Belgica

e a França não estiverem por completo livres dos seus barbaros invasores e enquanto a Alemanha, o agressor sem escrupulos, não tiver sido obrigada a dar uma compensação ampla aos prejuizos e ás ruinas que causou.»

Partido Socialista Alemão

Segundo um telegrama da Agencia Wolff, (B. S. 12-2-915) o deputado socialista Otto Ruehte comunica que na reunião do grupo do partido realisada no Reichstag, o deputado Liebnicht foi excluido por 82 votos contra 15. A declaração publica do partido foi em seguida votada por 65 votos contra 20. Comunicam tambem de Berlim que a reunião do partido socialista votou uma ordem do dia aprovando a attitude dos deputados socialistas nas sessões da Reichstag de 4 de agosto e de 2 de dezembro. A reunião proclamou que a defeza da patria é um dever de todos os operarios socialistas. Estes estão interessados em que se perpetue a vida economica e a cultura alemã, assim como a existencia da Alemanha, como Estado.

Liga Humanitaria Alemã

O *Germinal* já publicou um dos dois manifestos (que pouco diferem entre si) desta Liga.

O que segue, é dirigido aos trabalhadores alemães. (B. S. 11-2-915).

«Caros camaradas:

Seis mezes se passaram depois que o nosso governo declarou a guerra á Russia, que violou a neutralidade da Belgica lançando a nação numa campanha que prosegue actualmente em tres continentes e tudo isso sem a menor justificação, como amplamente resulta da evidencia dos documentos. As explicações dadas ao Reichstag eram completamente falsas.

Os social-democratas, como um só homem, abstiveram-se de apoiar o dr. Liebknecht no seu honroso protesto contra os creditos de guerra. Nós somos como ovelhas abandonadas pelos pastores. Convidamo-vos a activar o mais que vos fôr possível a propaganda da verdade, a unica que pôde advertir a nação do perigo de se fiar em miseráveis que tão indignamente nos enganaram.

A Suissa, fiel á sua missão, resistiu a todas as tentativas financeiras effectuadas para se obter d'ela a permissão de lhe utilizar os caminhos de ferro para uma invasão secreta da França. A Austria, constatando o perigo crescente das desordens internas, procura obter uma paz em que os aliados não querem ouvir falar, enquanto um só soldado ou funcionario alemão se conservar na Belgica. O Japão fez saber em Washington (?) que é com crescente descontentamento que vê as atrocidades terríveis e injustificadas a que a nação belga tem estado submetida.

Camaradas: Sabemos quantos sacrificios se impuzeram á nação. Sabemos tambem que esforços corajosos tendes feito e fazeis actualmente. O prejuizo inflingido á causa da fraternidade internacional por camaradas socialistas que desertaram das nossas fileiras para se juntarem aos nossos oppressores, não poderá ser reparado num dia. Sabemos que é inutil falar de paz enquanto a Prussia não tiver sido derribada do seu trono de craneos humanos e apelamos para todos os trabalhadores que desejam o fim desta guerra infame, para que nos ajudem a dispersar a quadrilha de conspiradores prussianos que para sempre deshonrou a Alemanha aos olhos do mundo civilizado.»

Karl Bernstein, presidente.
Albrecht Zetell, secretario.